

porém, um livro direccionado a quantos buscam um entendimento mais profundo do diálogo e não àqueles que, em contexto escolar, por exemplo, contactem pela primeira vez com a obra. A tendência a relevar o que no texto há de indefinido, problemático e difícil assegura que o livro interpela até o leitor que venha a discordar das teses avançadas por Butti de Lima. Desejaríamos apenas que o autor não se tivesse confinado ao trabalho de comentador platónico, ousando engajar-se com as inquietações que o Sócrates platónico suscita àquele que, hoje, se debruce, como ele, sobre τὰ πολιτικά — mas isso implicaria, muito provavelmente, todo um outro livro, livro que não fomos chamados a recensar.

JOÃO DIOGO LOUREIRO

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

silentdarker@gmail.com

https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_12

CACCIATORE, Paola Volpe (a cura di), *Plutarco: Linguaggi e Retorica. Atti del XII Convegno della International Plutarch Society. Sezione Italiana*, 156 pp., Napoli, M. D'Auria Editore, 2014, ISBN 978-88-7092-358-2

Recensão recebida a 21-04-2016 e aprovada a 24-05-2016

A prestigiada editora italiana M. D'Auria Editore, com o contributo do Dipartimento di Studi Umanistici dell' Università degli Studi di Salerno e especial cuidado editorial de Paola Volpe Cacciatore, publica um conjunto de sete estudos sobre Plutarco, em homenagem a Antonio Garzya, filólogo que faleceu em Março de 2012. Numa nota inicial muito emotiva e pessoal, Paola Volpe Cacciatore traça o retrato de Antonio Garzya, enquanto académico que possuía uma invulgar capacidade filológica e também realça a sua dimensão humana: “un Maestro di studi e di vita” (p. 13). É, assim, com toda a justiça que se dedica a Antonio Garzya este conjunto de estudos, também pelo facto de ter publicado, *inter alia*, vários estudos sobre a obra do Queronense.

Sergio Audadano (“La retorica dell' indeterminazione: spunti per una lettura della *Consolatio ad Apollonium*”, pp. 15-27), sem ter por objectivo se deter nas questões relacionadas com a autoria do tratado *Consolatio ad Apollonium*, define a sua organização interna, notando haver alguma “indeterminazione”, o que confere ao texto um carácter atemporal, pouco

habitual em Plutarco. Procura o A. defender a tese de que existe uma metodologia argumentativa ao longo do tratado, com várias características conformes o género da *consolatio*. Vários *exempla* revelam uma “retorica dell’indeterminazione”, dirigida ao destinatário da *consolatio*, no sentido de defender que a alma, depois da morte, sobrevive.

Por sua vez, Anna Caramico (“«O machinatrix lynce versipellior»: la traduzione latina di Xylander del fr. tr. adesp. 349 S.-K. (Plut., *de aud. poet.* 16D 8-9)”, pp. 29-45) analisa, com extremo pormenor, o fragmento de uma tragédia *adespota* (349 S.-K. (=349 N): ὃ μηχανήμα λυγκὸς αἰολώτερον), citado por Plutarco no tratado *De aud. poet.* 16D, que, além da funcionalidade estética, tem, sobretudo, o efeito literário de personificar a *ars poetica*. A A. descreve e interpreta os problemas textuais do referido fragmento, com base nas várias *lectiones*. É muito interessante a forma como a A. valoriza, na tentativa de perscrutar as diversas possibilidades lexicais e semânticas, a edição latina de Xylander, de 1566, que tem por base o texto grego da *editio basileensis*, de 1542, assim como as *Annotationes* que Xylander juntou à edição de 1572.

Elena Gritti (“*Come vela al vento: echi letterari e filosofici in alcune immagini dell’anima nei Moralia di Plutarco*”, pp. 47-63), a partir, sobretudo, dos tratados *De gen. Socr.* 590A-592E e *De ser. num. vind.* 563E-F, identifica similitudes e diferenças na forma de Plutarco transmitir a composição, a função e o comportamento da *psyche*. Numa análise muito atenta à linguagem figurativa e à própria semântica textual, a A. tece considerações muito relevantes sobre a relação entre a *psyche* e o *soma*, sobre a dimensão racional da alma e ainda sobre a *metabole* da *psyche*, em vida e após a morte corporal. A A. realça o modo como a linguagem metafórica de Plutarco, por vezes de forma original, aprofunda o conceito de *psyche*, com recurso, por exemplo, à imagem da tempestade ou do naufrágio.

Antonino M. Milazzo (“Osservazioni esegetiche e testuali ai *Moralia* di Plutarco”, pp. 65-78), revelando dominar a tradição manuscrita dos textos, faz resumidas e pertinentes considerações filológicas sobre alguns passos dos *Moralia* (*Aq. an ign.* 955E, 957F, *De soll. anim.* 985B, *Max. cum princ.* 777D, *Paral. min.* 310B e *Aet. graec.* 299C). Não só analisa questões relacionadas com o estilo de linguagem de Plutarco, mas também com o seu pensamento filosófico. Na parte final, o A. lembra a influência do Queronense na obra do neoplatónico Eneias de Gaza (século V), facto nem sempre salientado nos estudos sobre a transmissão ou recepção dos *Moralia* e das *Vitae*.

O artigo de Lorenzo Miletta (“Il *De laude ipsius* di Plutarco e la teoria “classica” dell’autoelogio”, pp. 79-99) tem por objectivo teorizar sobre o autoelogio (περιαντολογία), a partir do tratado *De laude ipsius*, de Plutarco. Embora no início do tratado, afirme que o autoelogio se torna odioso e fastidioso para os ouvintes, nos capítulos seguintes Plutarco legitima o uso do autoelogio, dando exemplos concretos em que o seu uso se aceita (por exemplo, em casos de autodefesa (540C-541A)), bem como aqueles em que se deve evitar (por exemplo, quando outros já fizeram o elogio). Além disso, revelando a sua técnica retórica, Plutarco indica como se deve usar o autoelogio (541F-544D). De seguida, o A. descreve a tradição do autoelogio, na literatura retórica antiga, em autores como Filodemo, Quintiliano e Élio Aristides. Na conclusão, enfatiza-se o facto de o tratado *De laude ipsius* ter uma clara intenção retórica e que o autoelogio se insere num contexto em que aqueles que exercem o poder têm de ter uma atitude moderada com as elites que administram o Império. Realçam-se, ainda, as diferenças de uso do autoelogio entre Plutarco, mais conforme a tradição, e Élio Aristides.

Simona Postiglione (“La struttura dialógica del *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum*: ruoli e funzione dei personaggi”, pp. 101-133) aprofunda a forma e o conteúdo da argumentação retórica que Plutarco desenvolve no tratado *Non posse suaviter vivi secundum Epicurum*. Em forma de diálogo, de carácter “diegemático” (p. 103) e com uma organização programática orientada para demonstrar a impossibilidade de se viver bem segundo os preceitos de Epicuro, as diversas personagens apresentam vários argumentos e hipóteses, que o A. identifica e interpreta com bastante cuidado. Nesta construção dialógica, marcadamente retórica, é salientada a presença da voz de Plutarco (Plutarco-autor e Plutarco-personagem), algumas vezes para orientar a discussão temática.

Por fim, Amneris Roselli (“Un’imbarcazione agile e leggera. Plut. *de tuenda sanitate* e il regime salutare per uomini politici e intellettuali”, pp. 135-156), tendo presente a dimensão pedagógica e social do tratado *De tuenda sanitate*, interpreta o conteúdo e a forma retórica como Plutarco equilibra a figura do *philologos* e do *politikos* (cf. 137C), num tratado sobre preceitos a seguir para se ter um comportamento correcto e autónomo em termos de regime (*diata*) e saúde. Embora não se possa dizer que estamos perante um tratado técnico de medicina, Plutarco, na verdade, usa uma linguagem técnica, pois, como Galeno, considerava muito importante o conhecimento a ter com o corpo, fazendo isso parte da própria formação ética. Nesse sentido, o tratado enfatiza a relação entre medicina e filosofia.

Para demonstrar que Plutarco recorre, muitas vezes, a uma linguagem imagética, por vezes com a estrutura de um símile, a A. identifica vários *exempla*, *gnomai* ou metáforas, com frequência imagens relacionadas com a tempestade ou com o mar (por exemplo, em 127C-D, 128A ou 128B-C), tal como sucede na literatura patrística, que merece um breve apontamento no final deste trabalho.

Esta obra reúne, sem dúvida, um conjunto de textos de apurado labor exegético e estilístico, bem alicerçados no conhecimento da obra de Plutarco e da sua transmissão textual, em especial dos *Moralia*, pois nenhum dos trabalhos é dedicado ao estudo da escrita biográfica. Além disso, também é de salientar o facto de os autores confrontarem diversas perspectivas e hipóteses de análise, apoiando-se em bibliografia actualizada.

JOAQUIM J. S. PINHEIRO

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

joaquim.pinheiro@staff.uma.pt

https://doi.org/10.14195/2183-1718_68_13

CALVO MARTÍNEZ, José Luis, *Literatura al amanecer, Estudios de Literatura Griega. Orígen, esplendor y decadencia de los géneros literarios.*, 370 pp., Granada, Editorial de la Universidad, 2014, ISBN 978-84-338-5645-6

Recensão recebida a 20-07-2016 e aprovada a 29-08-2016

José Luís Calvo, professor catedrático jubilado do Departamento de Estudos Gregos da Universidade de Granada, publicou neste volume um conjunto de estudos que, tendo embora como motivo central a Literatura Grega antiga, mesmo assim incluem pontualmente análises comparativas com a Literatura Latina e com a recepção de alguns motivos. Não se trata, de facto, de uma História da Literatura, mas de uma avaliação diacrónica de alguns géneros ou autores, representados por exemplos concretos e paradigmáticos. Do sumário intui-se aquilo que o próprio autor confirma no Prefácio: que está a reunir, organizar e coordenar, num só volume, reflexões feitas ao longo do tempo.

Os géneros abordados são a Épica, Lírica, Drama e Oratória, que permitem um itinerário sobre pontos decisivos na Literatura Grega como